

A PREDOMINÂNCIA TÁCITA DO TRADICIONALISMO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS: O PANORAMA BRASILEIRO

THE TACIT PREDOMINANCE OF THE TRADITIONALISM IN INTERNATIONAL RELATIONS: THE BRAZILIAN PANORAMA

André Mendes Pini

RESUMO

O estudo das Teorias de Relações Internacionais vem sendo realizado predominantemente pela utilização de narrativas focadas em paradigmas, correntes, debates e escolas. Essa tendência é corroborada ao se analisar a estrutura dos cursos de graduação em Relações Internacionais do país. A rotulação de diversos autores em determinadas correntes específicas demonstra-se prejudicial à disciplina como um todo, além de legitimar tacitamente o predomínio do tradicionalismo positivista no campo. No entanto, dados demonstram que no Brasil já há uma consciência crítica acerca da rejeição do positivismo e da suposta neutralidade perante seu objeto de estudo, o que, todavia, ainda não foi incorporado à sala de aula.

Palavras-chave: Teorias de relações internacionais, ensino no Brasil, positivismo, tradicionalismo.

ABSTRACT

International Relations research has been conducted predominantly by the use of narratives focused on paradigms, debates, and schools. This tendency can be found when analyzing the structure of international relations courses in Brazil. The labeling of different authors into specific theories becomes harmful to the discipline itself. Besides, it legitimates implicitly the predominance of the positivist traditionalism in the field. However, data shows that in Brazil there is already an awareness regarding the rejection to positivism due to its false premise of being neutral, although this awareness hasn't been applied yet

to the teaching inside International Relations courses.

Keywords: International Relations theories, research in Brazil, positivism, tradicionalism.

1. INTRODUÇÃO

As Relações Internacionais (RI), enquanto disciplina acadêmica, padecem das mesmas inquietações e desafios naturais às demais ciências humanas, principalmente no que se refere à definição de questões como seu objeto de estudo, metodologia ou finalidade prática, o que é intensificado tendo em vista a relativa juventude das RI perante às demais ciências humanas.

O presente trabalho pretende analisar brevemente as autoimagens que a disciplina desenvolveu - ou impôs - ao longo dos anos, debatendo acerca do que se define como "correntes" ou "tradições de pesquisa" para, posteriormente, avaliar a metodologia de ensino dessas teorias no Brasil, de modo a verificar se esses conceitos e nomenclaturas são simplesmente impostos e dados como imutáveis ou se a reflexão e o questionamento são incentivados. O argumento sustentado ao longo do trabalho é que, embora as últimas décadas tenham incorporado novos temas, agendas, correntes e debates à disciplina, as visões tradicionais ainda se impõem no estudo das RI, o que fica evidenciado - ainda que tacitamente - na nomenclatura atribuída às denominadas "correntes" e "tradições de pesquisa", assim como na própria metodologia de ensino dos cursos de Teoria das Relações Internacionais.

O primeiro contato que o jovem estudante de relações internacionais tem com as Teorias de Relações Internacionais (TRI) se dá, majoritariamente, nos cursos de graduação. A metodologia que o docente utiliza no ensino da matéria a seus alunos é fator determinante para a consolidação e amadurecimento de suas percepções e reflexões. Com efeito, a divisão mais comumente empregada é a didática que remonta às "correntes": liberalismo, realismo, construtivismo, etc, o que é potencialmente prejudicial ao desenvolvimento crítico do aluno, que pode ser induzido a tentar enquadrar e limitar

seus pensamentos a uma determinada corrente, sem que muitas vezes fique claro a profunda heterogeneidade dentro delas.

Utilizar-se-á, ao longo do trabalho, dados coletados junto a alguns dos principais cursos de graduação em relações internacionais do paísⁱⁱ assim como a alguns acadêmicos e professores da área, que servirão como uma rica fonte de estudos para a definição do panorama da disciplina no país. Outro recurso muito útil à elaboração do projeto foi o "TRIP Project", que realizou o "survey" "TRIP Around the World: Teaching, Research and Policy Views", concebido por Daniel Maliniak, Susan Peterson e Michael J. Tierney e publicado em 2012 pelo *College of William&Mary*, que traça um panorama global do ensino, estudo e pesquisa na disciplina de RI, incluindo o Brasil.

Ressalta-se que, apesar do embasamento tanto em trabalhos publicados por acadêmicos da área quanto em dados brutos, o trabalho, evidentemente, reflete opiniões e ponderações do autor, que não tem a falsa pretensão de manter-se neutro perante seu objeto de estudo, principalmente devido à necessidade de análise de dados quantitativos. Não é objetivo do trabalho apresentar soluções ou criticar cegamente a forma de se estudar RI nas graduações do Brasil. O que o trabalho almeja é denunciar as consequências que a metodologia atualmente aplicada gera no pensamento crítico dos jovens estudantes do país.

2. A PASSIONALIDADE NAS TEORIAS DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Estudos sobre as Teorias de Relações Internacionais são caracterizados, majoritariamente, dentro de "paradigmas", ou "tradições de pesquisa", consoante a definição de autores como Laudan, Kuhn, Sil e Katzenstein. O enquadramento de autores e acadêmicos em Realistas, Liberais, Marxistas, Construtivistas, Pós-modernos ou Feministas presume a existência de uma homogeneidade naturalmente inerente a cada corrente. (LAKE, 2011). No entanto, é crescente a contestação acerca do enquadramento sistemático de determinados autores em correntes específicas.

As diversas Teorias de Relações Internacionais sofrem constantemente questionamentos acerca de sua coerência e constituição. É patente a ausência - e mesmo a necessidade - de um consenso em termos gerais nas RI, seja no seu objeto de estudo, na sua metodologia e até nas próprias terminologias dos trabalhos em si. Diversos autores, como Walt, defendem que a disciplina fica melhor quando composta por um quadro amplo de teorias ao invés de uma teoria ortodoxa universal. (WALT, 1998). As dificuldades de se harmonizar o campo, ao mesmo tempo que geram preocupações acerca de seu futuro e seu reconhecimento enquanto ciência social por parte de alguns autores mais tradicionais, abrem a possibilidade de expansão do leque de temas e agendas a serem estudadas, enriquecendo a disciplina e tornando-a mais atraente.

A disciplina, historicamente, foi composta por diversos debates- seja entre correntes, metodologias ou autores - e é comum a divulgação de trabalhos que, ao abordar determinado item da agenda de pesquisa das RI, visam estruturar seus argumentos de maneira a deslegitimar as demais correntes, o que, geralmente, suscita em réplicas e tréplicas, gerando debates nos quais, muitas vezes, cada parte mantém-se introspectiva, seleciona convenientemente as críticas às quais quer rebater, e pouco dialoga com seus pares, sendo o resultado final, preponderantemente, pouco produtivo. Nesse sentido, há a percepção que, de fato, a disciplina revestiu-se de certa passionalidade na elaboração de seus discursos, segregada em guetos científicos e em "ismos" ideológicos que se veem como concorrentes. David Lake exemplifica bem esse argumento:

We organize ourselves into academic "sects" that engage in self-affirming research and then wage theological debates between academic religions. This occur at both the level of theory and epistemology.(...) Rather, we have produced a clash of competing theologies each claiming its own explanatory "miracles" and asserting its universal truth and virtue. (LAKE, 2011).

A impossibilidade - e até inconveniência - de se

atingir uma teoria unificada universal já é patente nas RI. Existem, no entanto, propostas diversas para a superação do atual panorama de rivalidades passionais constituído na disciplina, que serão apresentadas no decorrer do projeto. No entanto, o presente trabalho não se alongará na discussão acerca dessas alternativas, focando, majoritariamente, na argumentação e demonstração de que há ainda um forte predomínio da abordagem tradicional nas RI, explícito na própria metodologia de ensino da disciplina.

3. A PREDOMINÂNCIA TÁCITA DO TRADICIONALISMO

Em que pese o florescimento de novas correntes e autores nas últimas décadas, sejam eles considerados construtivistas, pós-modernos ou pós-estruturalistas, ainda é patente o protagonismo das tradições realista e liberal quando se aborda as teorias de relações internacionais. Dados do "TRIP Project" demonstram que, apesar de mais de 69% dos pesquisadores e acadêmicos ao redor do globo não se enquadrarem/identificarem nem como realistas nem como liberais, em seus cursos de teoria de relações internacionais 45% do material de leitura ainda advém de autores identificados e enquadrados nessas correntes.

Para a melhor compreensão acerca do argumento que denuncia a latente presença do tradicionalismo na estrutura geral da disciplina de TRI, considera-se importante uma breve análise histórica que conduza ao contexto central do capítulo, tendo em mente a noção foucaultiana, explorada por Steve Smith, de que a história é uma série de dominações, marcadas por relações de força. Com efeito, os saberes, discursos e teorias são essenciais nesse processo, pois espelham, consolidam e legitimam essas relações de força (SMITH, 1995).

Nota-se que o "primeiro debate" da disciplina, no florescer do século XX, já se inicia tendencioso, confrontando o denominado "idealismo" contra o autoproclamado vencedor, "realismo". O debate, identificado por E.H. Carr em seu livro "Vinte Anos de Crise", foi definido por Ole Waever como "*not so much a discussion as a*

heroic post-hoc representation by the self-proclaimed realists" (WAEVER, 2005). A própria construção da ideia de um debate, por natureza, gera a necessidade de se obter um "vencedor", o que se torna extremamente conveniente quando se está munido da perspectiva histórica. O realismo se legitimava como a corrente que enxergava a "realidade" do sistema internacional, alcunhando seus "adversários" como meramente idealistas ou utópicos, ou seja, as RI já nascem com nomenclaturas enviesadas determinadas pelas estruturas dominantes.

Nota-se, portanto, que as TRI, em sua origem, já foram rotuladas em correntes e paradigmas. Apesar da diversidade de ideias entre os autores denominados "realistas", todos mantinham um eixo central de argumentação, que era a negação dos princípios liberais como a maneira mais eficiente de se atingir o progresso e evitar-se conflitos de larga escala (WAEVER, 2005.), ou seja, as primeiras identidades das RI foram criadas pela negação das demais ideias, agrupando autores em determinados grupos que compartilhavam das mesmas críticas, tornando prática comum na disciplina a busca de legitimação pela construção de dicotomias. Nas palavras de Ole Waever:

Realism is not a school because of any objective proximity of its members or any uniformity of their positions, but is unified in and by contrast to idealism and in particular by the form of this opposition: denying progress or domestic spillover while competing to claim the moral high ground for amorality(...) It has often been noticed that the labels "realist" and "idealist" were terribly self-serving and biased. Combined with the fact that in the first debate realism was the clear winner, this led to the situation where no one read the interwar idealists any more. They were known only through the parodies by their critics (WAEVER, 2005).

A situação contemporânea, vale o ensejo, remonta ao rótulo de "realista" como algo negativo, que poucos autores estão dispostos a atribuírem-se, mas que continua dominante nos debates. Nesse sentido, percebe-se que o Realismo, hodiernamente, é o grande alvo de

críticas e questionamentos na disciplina, o que, contraditoriamente, mantém-no como a corrente "em evidência", e, ironicamente, vem tornando-o conhecido também somente pela paródia de seus críticos. (WAEVER, 2008) David Lake, ao abordar o tema, sugere que existem patologias inerentes ao campo das RI que acabam por "reificar" e recompensar as tradições de pesquisa que se demonstram mais radicais, como o realismo frequentemente é. (LAKE, 2011).

Retomando a digressão histórica; nos anos de 1970, ao aceitar premissas equivalentes, constituintes do mesmo "núcleo duro" e ao fazerem parte de um mesmo "programa de pesquisa", neorealismo e neoliberalismo finalmente tornam as TRI menos introspectivas, abrindo espaço a debates interparadigmáticos, podendo ser comparadas e confrontadas, empiricamente, entre si. Com efeito, torna-se relevante a discussão entre a natureza e as consequências da anarquia internacional, as diferentes vertentes da cooperação, a lógica das tomadas de decisões, a especialização temática e o papel das instituições.

Esse ensejo neopositivista revigorado presumiu-se a pauta dominante que consolidaria os estudos das RI. Porém, o que a década de 1980 vislumbrou foi justamente o questionamento de toda metodologia científica moderna nas ciências humanas como um todo o que, invariavelmente, chegou às RI - em que pese sua constante busca de autonomia perante as ciências humanas de modo geral. Nesse sentido, autores como Kuhn, Lakatos e Musgrave passaram a ser valorizados e passou-se a questionar a suposta "neutralidade científica" positivista, incorporando às RI debates sobre "epistemologia" e "ontologia". (WAEVER, 2005).

O positivismo e sua suposta neutralidade já vinham sendo questionadas desde a Escola de Frankfurt do início do século XX e novos autores, classificados em novas "correntes" e tradições de pensamento, como a Teoria Crítica, o Construtivismo Social e o Pós-Modernismo, incorporaram suas premissas e alocaram-nas aos estudos das RI, questionando as abordagens tradicionais da disciplina e iniciando debates metateóricos.

O pós-positivismo foi recebido com apreensão

pelos círculos acadêmicos tradicionais que tentaram incorporar suas vertentes menos radicais a seu leque conceitual, como exemplifica a divisão que Katzenstein, Krasner e Keohane fizeram da disciplina - entre racionalistas e construtivistas - referindo-se, todavia, somente ao construtivismo de Wendt, que estabelecia ainda algumas pontes com o positivismo. Há, ainda hoje, quem negue a existência do denominado "quarto debate", de modo a deslegitimar a ascensão das correntes críticas, enquadrando-as fora do escopo das RI (WAEVER, 2005). Apesar do ascendente protagonismo que as teorias pós-positivistas alcançaram nas últimas décadas, a rotulação de uma gama de autores, muitas vezes divergentes entre si, em correntes específicas, sejam Construtivistas ou Pós-Modernas, ainda soa como uma roupagem científica a essas teorias que são agrupadas e racionalizadas, tendo suas premissas e bases teóricas homogeneizadas, o que soa praticamente como uma ironia metalinguística.

Um exemplo paradigmático é a reunião de autores como Onuf, Kratochwil e Wendt em uma mesma corrente, dita Construtivista, apesar de suas diferentes visões acerca tanto da relevância da virada linguística quanto da pertinência da análise de fenômenos identitários e até da diferente aceitação de algumas premissas positivistas, como a anarquia, permite-nos inferir que, hodiernamente, as teorias tradicionais ainda são preponderantes no estudo das RI e na definição de suas correntes e debates. A partir dessa análise pode-se compreender o motivo pelo qual autores enquadrados como pós-modernos e construtivistas, muitas vezes preocupados com as análises dos discursos que legitimam práticas e ações, refutam fazer parte de uma suposta corrente homogênea e concisa, pois isso é incoerente com sua própria metodologia.

Ressalta-se, no entanto, que a incoerência em se agrupar diversos autores em uma mesma corrente não se restringe somente às perspectivas pós-positivistas. Dentro da "grande corrente Realista" em si, há uma série de divergências e subdivisões, explícitas já quando se fala em Realismo, nos termos de Morgenthau, e no Neorealismo de Waltz, e que se aprofunda na medida em que se percebe as diferenças entre

"Neorrealistas ofensivos", "defensivos" e etc, evidenciada nos trabalhos de autores como Jervis, Quester e Mearsheimer.

Tendo em vista esses argumentos, surge a necessidade de ponderação acerca da existência de alternativas à esse panorama e da avaliação do processo de aprendizagem e ensino das teorias de RI no país, pois, de acordo com a metodologia de ensino utilizada, corroborar-se-á tacitamente o predomínio das agendas de pesquisa tradicionais.

4. PERSPECTIVAS ALTERNATIVAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES

Conquanto as RI mantenham seu caráter tradicional, corroborado pela divisão em correntes ou paradigmas supostamente homogêneas, há, hodiernamente, propostas alternativas de estudo de TRI que visam romper com o procedimento tradicional dominante no campo, oferecendo abordagens e perspectivas alternativas. Embora o trabalho não objetive analisar essas ideias, torna-se conveniente sua exposição, pois demonstra que o argumento central do projeto não é uma voz singular no questionamento ao *status quo*.

Algumas ideias para a superação do tradicionalismo no estudo das RI advém de autores como David Lake, Friedrichs e Kratochwil, que propõem metodologias diferenciadas na compreensão dos fenômenos internacionais. David Lake sugere a superação dos "ismos" pela desagregação das teorias em conceitos comuns baseados em interesses, interações, e instituições (LAKE, 2011). A outra proposta advém conjuntamente de Friedrichs e Kratochwil que propõem uma abordagem *pragmática* para a superação dos entraves da disciplina - pelo reconhecimento da geração de conhecimento como uma atividade social e discursiva, focando-se, portanto, na geração de conhecimento prático (FRIEDRICHS, KRATOCHWIL, 2009).

No Brasil, Amado Cervo é o grande representante do questionamento ao ensino das Teorias de Relações Internacionais. Inspirado pela premissa de Cox que "toda teoria serve para algo e para alguém", ele questiona a suposta

neutralidade que as teorias tradicionais presumem, denunciando-as enquanto instrumento de legitimação das práticas e políticas dos países centrais. Ele defende o fim do ensino de Teorias de Relações Internacionais no país, e a substituição pelo uso de Conceitos que se enquadrariam melhor à realidade nacional (CERVO, 2008).

O livro "*The Future of International Relations: Masters in the Making*" organizado por Iver B. Neumann e Ole Waever é, também, um bom exemplo dessas iniciativas alternativas, sendo uma tentativa de "intervenção nos debates acerca da maneira de ler a disciplina" (WAEVER, 2005). Organizado de acordo com autores, e não correntes ou debates, o livro se propõe a apresentar o pensamento de 12 autores, dos clássicos aos contemporâneos, preocupando-se em não emoldurá-los em correntes de pensamento específicas. Waever deixa claro que, muitas vezes, a busca pela rotulação de determinados autores acaba por desagregar a complexidade de seus trabalhos, o que acaba, por vezes, fragmentando suas obras e não expressando, de fato, sua originalidade. A seleção dos 12 "*masters in the making*", inclusive, segundo o autor, reflete a escolha por autores complexos e difíceis de serem enquadrados em "caixas", como Alker, Onuf e Walker (WAEVER, 2005).

Outros esforços interessante nessa busca pelo rompimento do tradicionalismo nas RI são os trabalhos que buscam identificar o estudo das RI fora do eixo ocidental. A obra de Amitav Acharya e Barry Buzan, "*Why is there non-Western International Theory*", foca-se nas Teorias de RI advindas, majoritariamente, da Ásia e demonstra que, muitas vezes, os temas centrais das agendas de pesquisa dos autores asiáticos pouco incorporam temas tradicionais às RI Ocidentais. Exemplo disso, abordado no trabalho, é o foco das teorias chinesas que buscam legitimar seu crescimento econômico e político ao mesmo tempo que renegam teorias realistas que os enquadrariam como uma virtual ameaça. Há também o caso do Japão, que busca ser uma "potência civil" no Sistema Internacional, renegando também as expectativas realistas. (BUZAN, 2007).

5. O PANORAMA BRASILEIRO

O presente capítulo tem o intuito de fornecer um panorama geral do ensino e do estudo das Teorias de Relações Internacionais no país, tendo como um dos fundamentos o "*TRIP Project*", que realizou em 2011 o "*survey*" "*TRIP Around the World: Teaching, Research and Policy Views*". Essa pesquisa fornece dados quantitativos relativos a 20 países ao redor do mundo, possibilitando que se estabeleçam comparações acerca do ensino de RI no Brasil frente a outros países. Utiliza-se também, ao longo do capítulo, dados obtidos junto a alguns dos principais cursos de graduação em relações internacionais do país - UnB, USP, PUC- RJ, PUC-GO, FACAMP, UNESP - que tiveram as ementas de suas disciplinas voltadas às TRI analisadas de forma a obter-se um cenário nacional mais aprofundado.

A análise dos cursos de TRI no país corrobora os argumentos principais do presente trabalho. A metodologia de ensino em quase todos os cursos de Graduação das universidades brasileiras ocorre ainda da forma tradicional, dividindo-se e rotulando-se as correntes e paradigmas à medida que o estudo avança. A criticidade que cada professor atribui nas aulas e discussões ao longo do curso é impossível de ser avaliada, no entanto, o que as ementas das disciplinas demonstram é o inegável predomínio da análise paradigmática. Exceções a essa constatação são a USP e a UnB. A Universidade de São Paulo organiza o ensino de TRI entre autores - em uma metodologia alinhada à proposta de Waever - desde os clássicos até os contemporâneos, iniciativa essa que, apesar de isolada, ainda, no Brasil, converge com alguns cenários internacionais, como o proposto por Waever. A Universidade de Brasília vem, recentemente, incluindo discussões acerca das autoimagens e do Estado da Arte na disciplina, incorporando à estrutura de seu curso discussões metalinguísticas acerca da própria utilização de paradigmas ou autores nos estudos das RI sem, no entanto, deixar de utilizar as nomenclaturas tradicionais. O presente trabalho é fruto dessa metodologia.

Um dado positivo, entretanto, é a baixíssima utilização, como fonte principal dos estudos, de Manuais de Teorias de Relações Internacionais -

preponderantes nos principais cursos de RI do país até o início dos anos 2000 - restritos a leituras complementares de cunho didático; e a utilização preponderante de textos originais, tanto em inglês quanto em português, de autores considerados baluartes das correntes e tradições de pensamento - o que foi facilitado, evidentemente, pela difusão do acesso à informação proporcionado pela internet. As vantagens e a importância do uso de textos originais é amplamente reconhecida, sendo especialmente cara aos argumentos do presente trabalho. O estudo por manuais de relações internacionais é altamente prejudicial ao desenvolvimento crítico dos alunos, que absorvem informações já previamente filtradas, e, muitas vezes, erroneamente classificadas. Um dos manuais mais utilizados no Brasil, por exemplo, encaixa a Escola Inglesa como uma mera vertente do Realismo o que, por si só, já corrobora o argumento acima.

O "*TRIP Project*" demonstra que, globalmente, textos produzidos nos EUA correspondem a 58% das leituras que os estudantes realizam nos seus cursos de introdução às RI. No Brasil, essa porcentagem diminuiu para 43%, concomitantemente aos 44% representados por leituras brasileiras e latino-americanas. Percebe-se que o Brasil mantém-se abaixo da média global, o que pode ser justificado devido a outro dado do *survey*, que demonstra o interesse brasileiro nos estudos acerca da região latino-americana. No entanto, os dados são positivos, na medida que refletem o uso de textos originais nas salas de aula.

No que se refere ao foco nas "correntes e paradigmas" estudados nos cursos de Introdução às RI em nível de graduação globalmente, ainda se percebe a predominância das teorias tradicionais, com Realismo e Liberalismo ocupando 45% da estrutura dos cursos. O Brasil possui médias maiores que as globais, com 49%. Dados interessantes, no entanto, apontam que 18% dos acadêmicos mundialmente trabalham com abordagens não paradigmáticas, e o "*TRIP Project*" aponta que essa tendência já vem sendo seguida no Brasil, onde 16% do universo de 193 acadêmicos entrevistados também afirmaram utilizarem-se dessa metodologia. No entanto, ao

se analisar as ementas das disciplinas de Introdução às RI no país, percebe-se que, até o momento da conclusão deste trabalho - segundo semestre de 2012 - apenas a Universidade de São Paulo não estruturou seu curso com base em paradigmas, focando nos autores.

No que se refere ao trabalho dos acadêmicos entrevistados, o Brasil se divide quase igualmente entre profissionais que usam abordagens racionalistas - *rational choice framework* - sem restringirem-se, todavia, à essa metodologia (44%) e outros que não presumem a racionalidade dos atores (41%). Apesar de esse padrão seguir a tendência global, ressalta-se que a porcentagem brasileira que restringe seu trabalho às abordagens racionais ainda é mais que o dobro da global (16% no Brasil, frente a 7% no mundo) o que demonstra ainda certo conservadorismo no país.

Quando questionados acerca do enquadramento de suas próprias abordagens no estudo das RI, percebe-se uma mudança em relação às últimas décadas. Em 1998, Ole Waever atestava que os EUA ainda eram influenciados majoritariamente por teorias positivistas, enquanto a Europa Ocidental despontava como reflexivista em sua maioria. (WAEVER, 1998). No entanto, o "TRIP Project" demonstra que essa distinção encontra-se atenuada hodiernamente. O *survey* também demonstra que, dentre as correntes pré-estabelecidas, o construtivismo globalmente é a com maior número de autores (22%). Contudo, essa porcentagem é igualada por autores que não se enquadram e não usam a análise paradigmática. O Brasil reflete esse padrão com 20% dedicado ao Construtivismo e 19% que refutam sua inclusão em uma corrente específica.

Um dos dados que mais chama a atenção quando comparado às estruturas dos cursos de TRI no país é a caracterização dos trabalhos em termos epistemológicos. Enquanto, no mundo, 47% dos acadêmicos e pesquisadores consideram-se positivistas, 28% não positivistas e 26% pós-positivistas, o Brasil vai na contramão dessa tendência, apresentando apenas 28% de positivistas, 44% de não positivistas e 29% de pós-positivistas, o que demonstra que, no país, majoritariamente, não é dado tanto crédito a

análises que se supõem neutras perante seu objeto de estudo. No entanto, apesar da minoria dos acadêmicos brasileiros considerarem-se positivistas, isso ainda não se reflete nos cursos de RI do país, que ainda preconizam o estudo das teorias de forma tradicional, com o positivismo implícito na rotulação de diversos autores em correntes específicas, como defendido ao longo do trabalho.

6. CONCLUSÃO

O estudo das Teorias das Relações Internacionais tem sido conduzido, tradicionalmente, por meio de narrativas centradas em debates entre correntes e paradigmas que aglomeram autores em escolas de pensamento supostamente homogêneas, o que não reflete, de fato, a diversidade e complexidade que as RI vem adquirindo nas últimas décadas. Muitas vezes, determinados autores tem a compreensão abrangente de suas obras comprometida devido às tentativas de enquadrá-los e fragmentá-los em uma determinada corrente, e, assim, as RI correm o risco de se tornarem estereis e sem criticidade, à medida em que não são mais os autores que modelam os paradigmas da disciplina, mas os paradigmas que definem os autores.

Os debates contemporâneos da área vem incorporando questões epistemológicas e relacionadas à filosofia da ciência, o que vislumbra a busca pela superação dos "ismos" e das questões epistemológicas no campo, em favor de abordagens mais pragmáticas. (LAKE 2011; KRATOCHWIL, 2009). Concomitantemente, questiona-se os pressupostos universalistas do estudo das Teorias de RI em favor da reflexão sobre sua epistemologia, ontologia e metodologia. Isso já se reflete em trabalhos acadêmicos, livros e artigos, como "The Future of International Relations: Masters in the Making" organizado por Iver B. Neumann e Ole Waever; no entanto, essa reflexão ainda não foi incorporada plenamente à sala de aula.

Apesar da constante crítica acerca da metodologia tradicional que ainda permeia o ensino das Teorias de RI no país, é importante

salientar que o presente trabalho não vislumbra um cenário em que as nomenclaturas "Realismo" ou "Construtivismo" sejam completamente inutilizadas, nem que as TRI sejam excluídas dos cursos de RI, como defende Amado Cervo. Seus aspectos didáticos ainda são importantes para uma compreensão inicial e geral da disciplina. Todavia, elas não deveriam ser entendidas como correntes e paradigmas sólidas e impermeáveis e principalmente seu aspecto meramente didático deveria ser mais explícito na organização dos cursos no Brasil. A metodologia vanguardista utilizada tanto na UnB quanto na USP são exemplos de que é possível incorporar essas discussões já à graduação.

Os dados obtidos pelo "TRIP Project" demonstram que a academia brasileira majoritariamente não se classifica como positivista, questiona supostas neutralidades perante seu objeto de estudo, valoriza abordagens críticas nos estudos das RI e já se preocupa em não se rotular dentro de paradigmas. Entretanto, isso não é refletido nos cursos de graduação do país, que ainda priorizam o estudo das teorias de forma tradicional, utilizando leituras sobre Realismo e Liberalismo prioritariamente e organizando suas ementas pelo rótulo dos paradigmas - o que valoriza, ainda que tacitamente, o positivismo.

À guisa de conclusão, deve-se ressaltar que as condições para uma mudança na metodologia de ensino de TRI no Brasil já estão consolidadas, havendo grande lucidez na academia brasileira, que se destaca por já refutar o positivismo, diferentemente do que ocorre internacionalmente. O que ainda não ocorre é a incorporação desse pensamento na estrutura dos cursos de RI no país, o que é de suma importância para o desenvolvimento de gerações de internacionalistas comprometidos com a criticidade e a rejeição do *status quo* imposto por tradições supostamente dominantes advindas de centros hegemônicos globais.

BIBLIOGRAFIA

Livros e Artigos:

CERVO, Amado L. Conceitos em Relações Internacionais. *Revista Brasileira de Política*

Internacional, No 51, 2008.

ACHARYA, Amitav; BUZAN, Barry. *Why is there no non-Western international relations theory?*, 2007.

FRIEDRICH, Jörg; KRATOCHWIL, Friedrich. On Acting and knowing: How can pragmatism advance international relations research and methodology. *International Organization*, No. 63, 2009.

HOUGHTON, David Patrick. *Positivism 'vs' Postmodernism: Does Epistemology Make a Difference?*, 2008.

LAKE, David A. "Why 'isms' Are Evil: Theory, Epistemology, and Academic Sects as Impediments to Understanding and Progress", *International Studies Quarterly*, 2011.

NOGUEIRA, João; MESSARI, Nizar. *Teoria das Relações Internacionais: correntes e debates*, 2005.

SMITH, Steve. "The Self images of a Discipline: a Genealogy of International Relations Theory". *International Theory: Positivism and Beyond*, 1995.

SNYDER, Jack. "One world, rival theories". *Foreign Policy*, No. 145.2004. Disponível em: [<http://www.jstor.org/stable/4152944>] Acesso em: 23/05/2012.

WALT, Stephen M. "International Relations: One World, Many Theories". *Foreign Policy*, No. 110, *Special Edition: Frontiers of Knowledge*, 1998. Disponível em [<http://www.jstor.org/stable/1149275>]. Acesso em: 25/05/2012.

WÆVER, Ole. "Figures of International Thought: Introducing Persons Instead of Paradigms", *The Future of International Relations*, 2005.

Fontes Primárias:

Ementas das disciplinas de Teorias das Relações Internacionais dos cursos de graduação da UnB, USP, PUC-GO, PUC-RJ, UNESP, FACAMP.

Pesquisa "TRIP Around the World: Teaching, Research, and Policy views of International Relations Faculty in 20 Countries", College of William&Mary, Williamsburg, Virginia, 2012.

¹Especialista em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília, bolsista da CAPES e Mestrando em Relações Internacionais pela

Universidade de Brasília. Email:
andrepini@gmail.com

ⁱⁱUtilizar-se-á como base a UnB, USP, PUC-GO, PUC-RJ, UNESP e FACAMP, tendo em vista que foram os cursos aos quais houve acesso às ementas das disciplinas de Teorias das Relações Internacionais dos cursos de graduação.